

Imagens do poder na África Romana: os mausoléus de Ghirza e a afirmação política dos *principes gentium* (séc. III-V d.C.)

Images of power in Roman Africa: the mausolea of Ghirza and the political affirmation of the 'principes gentium' (3rd-5th centuries AD)

Belchior Monteiro Lima Neto*

Resumo: Nos propomos, neste artigo, a compreender as imagens de poder político registradas em frisos, arcadas e câmaras mortuárias dos mausoléus de Ghirza, uma aldeia norte-africana situada a cerca de 250 km ao sul da costa mediterrânica e erguida em pleno *limes Tripolitanus*. Ao analisar as fontes visuais encontradas nos monumentos funerários de Ghirza, buscamos problematizá-las a partir da lógica política dos interesses das famílias dirigentes locais. Nosso intuito é compreender o modo como os *principes gentium* em Ghirza exibiam, nas imagens registradas nos seus mausoléus, seu poder político, religioso, militar e econômico, instrumentalizando tais monumentos funerários como veículos de afirmação de sua autoridade e poder, reproduzindo visualmente, para tanto, símbolos de distinção que exaltavam uma representação excelsa.

Abstract: We propose, in this article, to understand the images of political power recorded in friezes, arcades and burial chambers of the Mausoleums of Ghirza, a North African village located approximately 250 km south of the Mediterranean coast and built in the *limes Tripolitanus*. By problematizing the visual sources found in the funerary monuments of Ghirza, we seek to problematize them based on the political logic of the interests of the local ruling families. Our aim is to understand the way in which the *principes gentium* in Ghirza displayed, in the images recorded in their Mausoleums, their political, religious, military and economic power, using such funerary monuments as vehicles for affirming their authority and power, visually reproducing, to do so, symbols of distinction that exalted an excellent representation.

Palavras-chave:

Poder.
Imagens.
África romana.
Ghirza.
Principes gentium.

Keywords:

Power.
Images.
Roman Africa.
Ghirza.
Principes gentium.

Recebido em: 02/02/2024

Aprovado em: 05/03/2024

* Professor Adjunto de História Antiga do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em História pela Ufes e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção ES. Atualmente, executa o projeto *História e Arqueologia na África romana: novas perspectivas historiográficas a partir das escavações no Magreb e no Saara*, com financiamento da Fapes (Edital Universal n. 28/2022).

Introdução

Aruptura com a ideia de documento-verdade – notadamente relacionado às fontes escritas de caráter oficial – levou os historiadores a se debruçarem sobre tipos variados de evidências históricas. Doravante, as fontes, nas palavras de Jacques Le Goff (1996, p. 545), devem ser concebidas como *monumentos*, sendo incapazes de revelar, como postulava uma historiografia de matriz metódica-positivista, o passado “tal como ele foi”, mas apenas as representações que os indivíduos de determinada época e lugar gostariam que fossem transmitidas à posteridade. Sendo assim, a partir da segunda metade do século XX, na seara da revolução historiográfica levada a cabo pela *École des Annales*, abrindo a disciplina a novas metodologias de trabalho e a abordagens originais, num diálogo interdisciplinar constante e produtor, diversificaram-se os tipos de documentação manipulados pelos historiadores, que, em suas investigações, não raras vezes, lançam mão de diários, pinturas, estátuas, testemunhos orais, obras literárias, entre inúmeras outras fontes; quer dizer, os pesquisadores têm hoje à sua disposição uma vasta gama de vestígios “deixados” pelos homens no tempo (Burke, 1997, p. 23-78).

No que tange às fontes visuais, que antes ocupavam um lugar secundário, quase ilustrativo, na historiografia, elas alcançaram, há algumas décadas, estatuto privilegiado nas investigações históricas, permitindo aos pesquisadores acessarem dimensões do passado nem sempre passíveis de serem visitadas e interpretadas por intermédio de outros *corpora* documentais (Burke, 2017, p. 16-17). Fotografias, mapas, pinturas, moedas, esculturas, mosaicos, obras cinematográficas, são numerosos os exemplos de indícios históricos de caráter pictórico. As imagens, contudo, não devem ser interpretadas como elementos imateriais, como um ente abstrato e desprovido de suporte material; elas são artefatos culturais dispostos no tempo e no espaço, mantendo, inevitavelmente, uma relação dialógica com a sociedade que as produziu e que, de múltiplas maneiras, delas se apropriou. Como afirma Meneses (2012, p. 254-255), as imagens, como artefatos da cultura material registrados em suportes físicos diversos, são performativas, ou seja, elas são agentes históricos que suscitam, em alguma medida, hábitos, memórias e identidades. Em consonância com tal constatação, é necessário, para a devida interpretação das fontes visuais, recorrer ao método da *desdocumentalização*, que pressupõe a retirada das imagens dos museus, arquivos, coleções e galerias, recolocando-as, em termos analíticos, em interação com o contexto de sua performance histórica (Rede, 2012; Meneses, 1983).

Com tal perspectiva em mente, propomos, neste artigo, compreender as imagens de poder político registradas em frisos, arcadas e câmaras mortuárias dos mausoléus de Ghirza, uma aldeia norte-africana situada a cerca de 250 km ao sul da costa mediterrânica e erguida em plena região desértica, no assim denominado limes Tripolitanus.¹ Ghirza, entre os séculos III e V, era uma comunidade agrícola composta por grupos agnados líbios, sob a liderança de *principes gentium*,² que mantinham aliança com o Estado romano, muito provavelmente com a incumbência de auxiliar militarmente a defesa da zona de fronteira. Tradicionalmente, a historiografia que se debruçou sobre os monumentos funerários de Ghirza os identificou como vestígios de um evidente processo de romanização,³ conceito compreendido, até meados do século XX,⁴ como um indício de aculturação das populações autóctones, que assumiam os padrões estéticos, a língua e os valores romanos (Mendes, 2007, p. 38-39). Nas últimas décadas, entretanto, as pesquisas acerca dos mausoléus de Ghirza tiveram uma verdadeiraguinada epistemológica, visto que autores como Brogan e Smith (1984), Fontana (1997), Mattingly (2011), Audley-Miller (2012) e Nikolaus (2016) forjaram novas percepções sobre este sítio arqueológico, compreendendo-o a partir da lógica política dos interesses das famílias dirigentes locais. Filiando-nos a tais percepções, nosso intuito é compreender o modo como os *principes gentium* em Ghirza exibiam, nas imagens registradas nos seus mausoléus, seu poder político, religioso, militar e econômico, instrumentalizando tais monumentos funerários como veículos de afirmação de sua autoridade e poder, reproduzindo visualmente, para tanto, símbolos de distinção que exaltavam uma representação excelsa.

¹ Pode-se conceber o *limes* na Tripolitânia como uma fronteira formada por uma linha descontínua de fortes e estradas que correspondia, na realidade, a uma rede complexa de contato, administração e taxação dos movimentos das rotas transaarianas e da transumância de grupos seminômades que habitavam a região meridional e que sazonalmente atravessavam o *limes* à procura de pastos que fossem suficientemente abundantes aos seus rebanhos (Mattingly *et al.*, 2013, p. 40-93; Cherry, 2005, p. 24-74).

² Como observado por Mattingly (2023, p. 286-287) e Bénabou (1976, p. 457-469) no tocante à África romana, o título de *princeps gentis* era, geralmente, concedido a indivíduos com *status* diferenciado em suas comunidades étnicas, ocupando, em grande medida, a liderança política no interior de sua *natio*, a despeito do domínio direto ou indireto exercido pelo Estado Romano. Tais *principes gentium* exerciam, em nome de seu grupo de origem, relações diplomáticas com Roma, atuando, em muitas ocasiões, como braço armado auxiliar ao exército imperial.

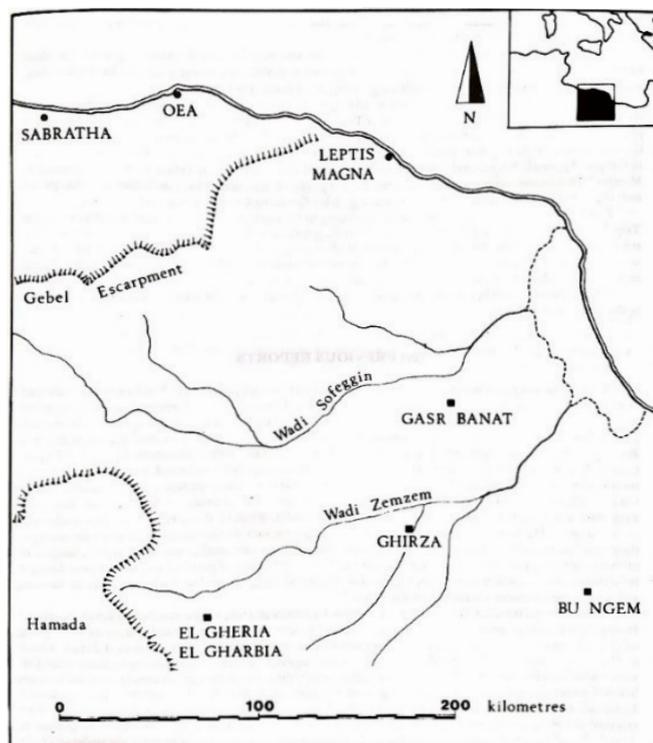
³ Inicialmente, autores como Barth (1857), Clermont-Ganneau (1903), Coro (1928) e Goodchild e Ward-Perkins (1949) consideravam os mausoléus construídos na Tripolitânia no período romano como obra de colonos itálicos, que contribuíram decisivamente para a dispersão da civilização e para a efetivação do processo de romanização nos confins do deserto.

⁴ Atualmente, influenciados por autores como Woolf (1998), Huskinson (2000), Hingley (2010), Revell (2011) e Mattingly (2011) os investigadores dedicados à realidade provincial romana delinearam nova compreensão acerca das relações do Império Romano com as populações autóctones, pensando o conceito de romanização como um termo guarda-chuva que abarca os múltiplos processos de mudança sociocultural, multifacetados em termos de significados e de mecanismos, que tiveram início com o relacionamento entre os padrões culturais greco-romanos e a diversidade provincial (Woolf, 1998, p. 7).

Ghirza e a imagética do poder

O sítio arqueológico de Ghirza ganhou notoriedade no mundo acadêmico a partir das escavações realizadas por Brogan e Smith na década de 1950.⁵ Sua localização remete ao sul da Tripolitânia, uma província romana que, na Antiguidade, correspondia às terras a leste de Cartago e a oeste da Cirenaica, sendo constituída por três zonas geográficas bem definidas. A primeira, denominada de Gefara, localiza-se próxima à costa e era formada por uma planície de clima mediterrânico, com pluviosidade e fertilidade do solo propícias a uma variedade de culturas agrícolas, fato que potencializou, nos períodos púnico e romano, a prosperidade de três grandes aglomerações urbanas: Leptis, Oea e Sabratha. Ao Sul, ergue-se a cadeia montanhosa do Gebel, de clima semiárido, mas com solo fértil e intensamente explorado na oleicultura. Por fim, próximo ao Saara, encontra-se o Dahar, de clima predominantemente desértico, onde a agricultura e a vida sedentária se desenvolvem ao redor dos oásis e dos rios intermitentes que abastecem a região, como fora o caso de Ghirza, banhado pelo *Wadi Zemzem* (Mapa 1) (Lima Neto, 2016, p. 97-99).

Mapa 1 – Localização de Ghirza na Tripolitânia



Fonte: Brogan e Smith (1984, p. 35).

⁵ As escavações levadas a cabo por Brogan e Smith em Ghirza foram sistematizadas na publicação dos relatórios de escavação presentes na obra *Ghirza: a Libyan settlement in the Roman period* (1984).

A partir do século III, Ghirza desenvolve-se como uma aldeia autóctone às margens de um dos afluentes do *Wadi Zemzem*, uma bacia hidrográfica intermitente abastecida pelas águas pluviais que descem das encostas dos vales circundantes. Nesta localidade, floresceu uma série de culturas agrícolas, como demonstram os vestígios botânicos descobertos pelas escavações em seu sítio arqueológico: trigo, cevada, azeitona, uva, figo, tâmara e leguminosas. Em Ghirza, a agricultura só era possível por intermédio de uma técnica de exploração do aluvião do leito do rio, onde verificou-se a instalação de uma série de paredes transversais e laterais, que se estendiam por cerca de 3 km, e que provavelmente permitiam o aproveitamento sistemático do solo fertilizado pelos sedimentos trazidos pelas águas pluviais (Brogan; Smith, 1984, p. 308-311).

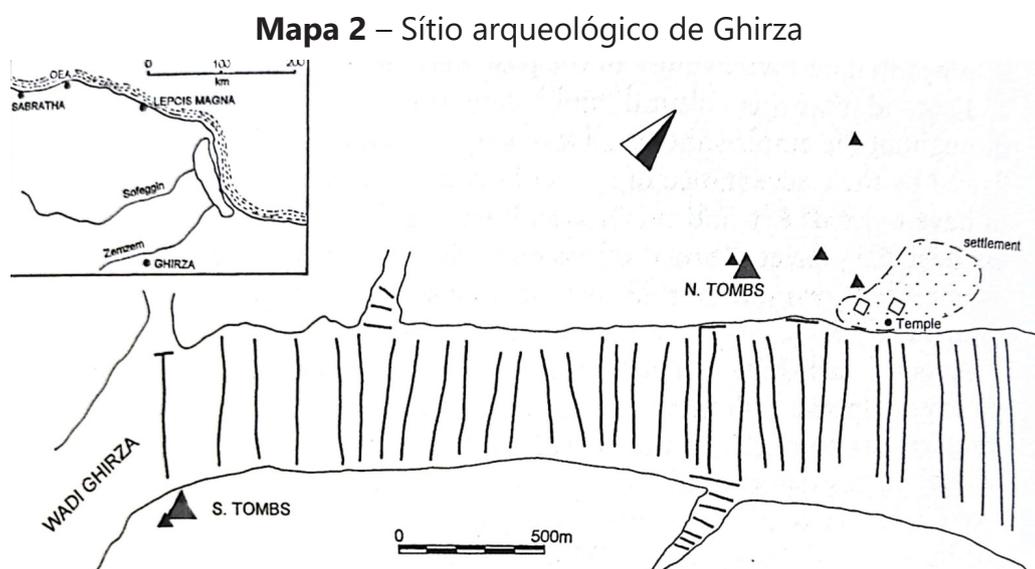
Ghirza foi o maior assentamento líbio do interior da Tripolitânia entre os séculos III e V, correspondendo a uma aldeia fortificada (denominada pelos romanos como *castrum*)⁶ composta por 40 habitações de dimensões diversas, um templo religioso (Edifício n. 32), provavelmente destinado ao culto do deus Gurzil,⁷ e dois grandes cemitérios monumentais, cada um deles com sete mausoléus (vide o Mapa 2).⁸ Os cemitérios eram divididos pelas margens do rio que banhava o assentamento: o denominado como Norte se localizava à direita do leito, próximo às residências da aldeia, contendo os mausoléus NA, NB, NC, ND, NE, NF, NG; e o outro cemitério, conhecido como Sul e situado na margem esquerda, a uma distância de 3 km das habitações, abrigava os mausoléus SA, SB, SC, SD, SE, SF, SG (Brogan; Smith, 1984, p. 40-43). Pode-se conjecturar que a existência desses dois cemitérios monumentais, juntamente com a ocorrência de dois grandes *Gsur* (Edifícios n. 31 e 34), indique a possibilidade de a elite dirigente de Ghirza repartir-se em dois ramos familiares. O *Gasr* (plural *Gsur*), como salientado por Mattingly e Core (1996, p. 127-133), refere-se a edifícios de dois ou mais andares, fortificados com grossas muralhas de alvenaria, nas quais se erguiam torres de

⁶ Para uma análise pormenorizada acerca das experiências urbanas autóctones no norte da África e suas denominações presentes nas fontes greco-latinas, vide Kormikiari (2009).

⁷ Gurzil, segundo Corippo (*Johannis*, V, 22-26), foi um deus em forma de touro cultuado por tribos líbias na Antiguidade Tardia, sendo fruto da relação carnal de Amon, divindade egípcia proveniente do Oásis de Siwa, com uma vaca. Considera-se que Ghirza foi um centro religioso dedicado ao culto desta divindade, conjectura que é reforçada por uma série de elementos comprobatórios. Em primeiro lugar, remete-se aos sacrifícios de touros verificados na festa denominada numa inscrição epigráfica como *parentalia*. Também pode-se argumentar que as várias imagens representando a cabeça de touro e o seu sacrifício, retratadas nos mausoléus NB, SC, SD e SG, identificariam Gurzil. Por fim, em autores tardios, como o já citado Corippo (século VI) e El Bekri (século XI), observa-se a menção a um culto em honra de Gurzil bastante popular no interior da Tripolitânia, tendo, inclusive, El Bekri informado acerca da existência de um centro religioso dedicado à divindade num assentamento chamado por ele como Gherza, remetendo-se provavelmente à aldeia que denominamos como Ghirza (Camps, 1999; Mattingly, 2011, p. 266-267).

⁸ No sítio de Ghirza, foram revelados três tipos de mausoléus com evidente influência romana e helenística: um em forma de obelisco com *aedicula*, um mausoléu com templo colunado perimetral e dez com templos colunados com arcadas. Além destes, pode-se ainda contar dois mausoléus, NG e SB, cuja parte superior do monumento é desconhecida devido ao estado deteriorado de suas ruínas (Nikolaus, 2016, p. 211-212; Brogan; Smith, 1984, p. 178-180).

vigília que salvaguardavam o seu interior, constituído por um pátio interno a céu aberto ao redor do qual se distribuía uma série de compartimentos destinados à habitação das elites locais.



Fonte: Mattingly (2011, p. 248).

Assim como Ghirza, vários assentamentos agrícolas se estabeleceram no decorrer dos três primeiros séculos da época imperial nas zonas semiárida e desértica da Tripolitânia. De acordo com Mattingly (1996, p. 319-320), tais aldeias se originaram de centros tribais sedentários que se desenvolveram como resultado das demandas mediterrâneas por produtos agrícolas, aliado ao incremento, verificado desde o início do século II, das trocas transaarianas realizadas pelos garamantes.⁹ A tais dinâmicas, no começo do século III, deve-se também acrescentar a própria instalação de inúmeros fortes, fortalezas e pontos de vigília no *limes Tripolitanus*. Certamente, o fortalecimento da presença militar incentivou o crescimento das trocas comerciais, inserindo a economia monetária romana na região, fato para o qual, em Ghirza, temos constatação empírica mediante inscrições epigráficas encontradas nos mausoléus NB e NC, especificando que os promotores das obras gastaram a quantia de milhares de *folles* (*Inscriptions of Roman Tripolitania*, 898, 900; Brogan; Smith, 1984, p. 261). Para o caso de Ghirza, sua localização estratégica, entre

⁹ A importância dos garamantes no tráfico transaariano e suas intensas relações com o Império Romano foram evidenciadas a partir das investigações anglo-líbias do *Fazzan Project* levadas a cabo entre 1997 e 2001 e publicadas nos quatro volumes de *The Archaeology of Fazzan* (2003; 2007; 2010; 2013). Outra importante contribuição histórico-arqueológica foi a Missão Ítalo-Líbia no *Wadi Tanzzuft* e na cidadela fronteiriça de *Aghram Nadharif*, organizada por pesquisadores associados à *Università La Sapienza*, de Roma, com destaque para Liverani (2003; 2006) e Mori (2010; 2013).

os fortes de *Bu Njem* e de *Gheriat el-Garbia* (conforme é observado no Mapa 1), pode ter potencializado o seu desenvolvimento, sendo o contato comercial dos fortes fronteiriços com os assentamentos autóctones comprovado pelas ostracas (76-79) descobertas em *Bu Njem*, que mencionam o seu abastecimento com produtos agrícolas provenientes de caravanas de camelos chefiadas por indivíduos de alcunha líbia: *lassuchtan*, *laremaban* e *Macargo* (Marichal, 1979, p. 436-452).

Os maiores beneficiários do desenvolvimento agrícola no interior da Tripolitânia foram as chefias dirigentes dos respectivos assentamentos, que, mediante um processo de centralização do poder num sistema tribal tradicional, monopolizaram a posse de terras anteriormente comunais e se enriqueceram economicamente com sua exploração e a consequente comercialização de seus excedentes (Mattingly, 1996, p. 321-324). Como observado por Mattingly (2005, p. 29-31) e Fentress (1982), os grupos líbios, na Antiguidade, se organizavam politicamente a partir de laços de parentesco hierárquicos, que entrelaçavam as diferentes chefias por intermédio de vínculos familiares diversos. Em suma, havia vários graus de autoridade, desde os oriundos de famílias ampliadas compostas por parentes consanguíneos, dependentes e escravos; passando por clãs que congregavam diversas famílias; por tribos formadas pela reunião de certo número de clãs sob uma mesma autoridade; até confederações que agrupavam diferentes tribos sob a liderança militar e carismática da chefia de uma tribo hegemônica. Em relação a Ghirza, conjectura-se que os *principes gentium* eram chefes tribais com autoridade sobre o assentamento e as localidades circunvizinhas, interpretação que é corroborada pela comemoração de um ritual religioso denominado de *parentalia* (Brogan; Smith, 1984, p. 182; 262),¹⁰ que reunia um contingente de pessoas bastante superior ao quantitativo dos habitantes da aldeia, evidência que nos habilita a postular que Ghirza era uma espécie de centro político-religioso de um grupo tribal no interior da Tripolitânia (Mattingly, 2011, p. 265).

Conhecemos os nomes de alguns dos chefes tribais em Ghirza por meio de inscrições epigráficas latinas existentes em três mausoléus localizados no cemitério Norte do assentamento (NA, NB e NC). Por meio deles, temos conhecimento da árvore genealógica dos *Marchii*, observando-se que *Marchius Nasif*, inumado em NA, era pai de *Marchius Nimira* e *Fydel*. Este último, por conseguinte, foi enterrado em NB por ordem de seu filho, *Marchius Metusan*. Por fim, em NC, sabemos que o mausoléu foi construído por *Marchius Nimmire* e *Maccurasan* em homenagem aos seus pais, *Marchius Chullam*

¹⁰ O emprego do termo *parentalia* para denominar o ritual religioso dedicado aos ancestrais e, ao que tudo indica, também em honra do deus líbio *Gurzil*, não deve ser confundido com o tradicional festival homônimo celebrado em Roma (Mattingly, 2005, p. 332-333).

e *Varnychsin* (I.R.T., 898, 899, 900; Brogan; Smith, 1984, p. 123, 135, 151).¹¹ Pode-se supor que a opção dos *Marchii* pela latinização da alcunha familiar estaria relacionada à concessão da cidadania romana ou mesmo tratava-se de um estratagema específico para explicitar suas relações umbilicais com o Império Romano. Seja como for, os *Marchii*, na opinião de Mattingly (1996, p. 338-341), mantiveram relações amistosas com Roma, tornando-se parceiros estratégicos no sentido de viabilizar a governança no *limes Tripolitanus*. Tal posição, ao que tudo indica, fortaleceu-se a partir de meados do século IV, com a diminuição sistemática dos contingentes militares romanos na Tripolitânia, o que aumentou a dependência imperial em relação aos potentados locais, tornando assim essencial a conservação de uma sólida aliança diplomática com os *principes gentium*.

Sabe-se, além disso, por intermédio de dados epigráficos (I.R.T., 562, 563, 565) e dos testemunhos de Amiano Marcelino (*Res Gestae*, 28, 6) e de Sinésio de Cirene (*Epistolae*, 13, 57, 62, 67 ss), que a província da Tripolitânia, a partir das últimas décadas do século IV, sofreu uma série de razias de confederações de tribos líbias denominadas genericamente como *Austuriani* e *Laguatan*.¹² Tais tribos chegaram a sitiar, em diversas ocasiões, as cidades costeiras de Lepcis e Oea, desestabilizando as ricas zonas agrícolas do Gefara e do Gebel. Ao que tudo indica, as aldeias fortificadas no Dahar, a exemplo de Ghirza, não sofreram grandes danos entre os séculos IV e V, mantendo-se provavelmente fiéis ao poder imperial por conta de relações diplomáticas estabelecidas por meio do reconhecimento tácito de sua autonomia e pelo pagamento de subvenções e presentes aos chefes tribais da região. Esta inferência pode ser corroborada por uma passagem de Procópio (*De bello vandalico*, 3, 25, 3-7), que, mesmo tardia, referindo-se à chegada do general bizantino Belisário (505-565) à África, em 533, nos oferece um vislumbre acerca das tradicionais relações diplomáticas de Roma com grupos tribais líbios:

[...] solicitaram que os símbolos do cargo fossem enviados de acordo com o antigo costume, pois era uma lei entre eles que ninguém deveria governá-los [...] até que o imperador os entregasse [...] um bastão de prata coberto de ouro, um gorro de prata (como uma coroa mantida no lugar por faixas de prata) e uma espécie de manto branco reunido por um broche de ouro no ombro direito em forma de capa tessálica [...]. E Belisário enviou-lhes estas coisas e presenteou cada um com dinheiro.

¹¹ Abreviaremos, daqui em diante, como I.R.T., o *corpus* epigráfico denominado como *Inscriptions of Roman Tripolitânia*. Disponível em: <https://irt2021.inslib.kcl.ac.uk/en/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

¹² Sobre as tribos dos *Austuriani* e *Laguatan*, ver Mattingly (2005, p. 288-291; 1983).

Símbolos de poder e de prestígio político, similares aos mencionados por Procópio, podem ser observados nos frisos que decoravam a parte superior de alguns dos mausoléus em Ghirza. No mausoléu NC, dedicado em honra de *Marchius Chullam*, vemos a personagem na parte central da cena, de modo majestático, sendo apresentado vestindo um manto drapeado e portando diadema, segurando em suas mãos um rolo de papiro ou um cetro, além de estar sentado numa cadeira dobrável sobre uma espécie de estrado, de onde é agraciado com uma série de presentes, como jarros, tigelas e algo que pode ser interpretado como uma aljava com flechas (Figura 1) (Brogan; Smith, 1984, plate 78). Cena afim também se repete em NB, mas agora o agraciado com os tributos é *Marchius Fydel*, que é representado em dois momentos distintos sentado numa cadeira, de posse de um cetro, de onde recebe ânforas, jarras, cetro, taças, entre outras dádivas oferecidas por diferentes personagens (Figura 2) (Brogan; Smith, 1984, plates 63c, 81).

Figura 1 – Mausoléu NC – ritual de entrega de tributos



Fonte: Brogan e Smith (1984, plate 78).

Figura 2 – Mausoléu NB – ritual de entrega de tributos



Fonte: Brogan e Smith (1984, plate 63c).

O fato de tanto *Marchius Chullam* quanto *Marchius Fydel* receberem tributos é bastante significativo acerca da posição política ocupada por eles em Ghirza, demonstrando sua inegável autoridade sobre o assentamento e os membros de sua tribo. Outro elemento de prestígio e que reforça o poder exercido pelos chefes tribais é a constatação de que eles foram representados, em ambas as cenas (Figuras 1 e 2), portando um diadema, isto é, um emblema incontestável da realeza na Antiguidade Tardia. Em suma, as imagens exibidas nos frisos dos mausoléus NB e NC, amplamente visíveis aos visitantes logo na entrada dos monumentos, explicitavam a majestade, a autonomia e o poder político dos *principes gentium*.

Acrescentando elementos de prestígio e de autoridade ao poder político dos chefes tribais de Ghirza, as cenas bélicas e de caça a animais selvagens são motes bastante explorados nos mausoléus, denotando sua força militar e virilidade física. Em NB, por exemplo, vê-se a imagem de *Marchius Fydel* sobre um inimigo, de lança e escudo em punhos (Figura 3). Em outra cena, a mesma personagem é representada a cavalo em posição de ataque e com a mão esquerda desembainhando uma espada (Figura 4) (Brogan; Smith, 1984, plates 61b, 70a). Já em NC, mausoléu construído em honra de *Marchius Chullam*, a potência bélica do falecido é associada ao seu poder sobre um séquito de homens armados, como demonstram as imagens relacionadas à execução de um indivíduo e à apresentação de soldados com lanças, escudos e espadas (Figuras 5, 6 e 7) (Brogan; Smith, 1984, plates 79a, 80b, 82b). No tocante às cenas de caça, no mausoléu NB, elas são representadas por intermédio de uma personagem nua (provavelmente *Marchius Fydel*), com uma lança em punhos a atacar leões, guepardos, veados e um touro (Figura 8) (Brogan; Smith, 1984, plates 68a, 68b, 68c).

Figuras 3 e 4 – Mausoléu NB – cenas bélicas



Fonte: Brogan e Smith (1984, plates 61b, 70a).

Figuras 5 e 6 – Mausoléu NC – homens armados

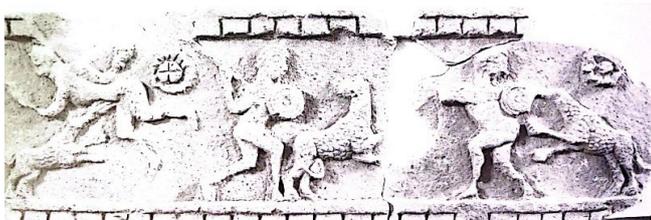
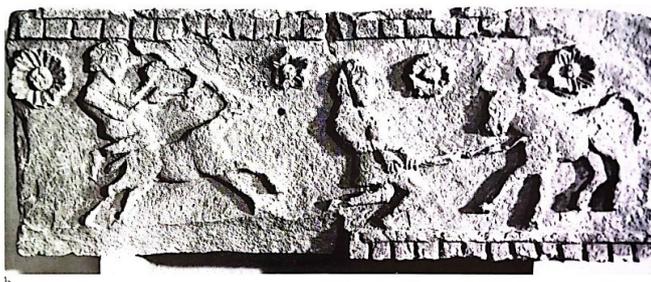


Fonte: Brogan e Smith (1984, plates 80b, 82b).

Figura 7 – Mausoléu NC – cena de execução



Fonte: Brogan e Smith (1984, plate 79a).

Figura 8 – Mausoléu NC – cenas de caça

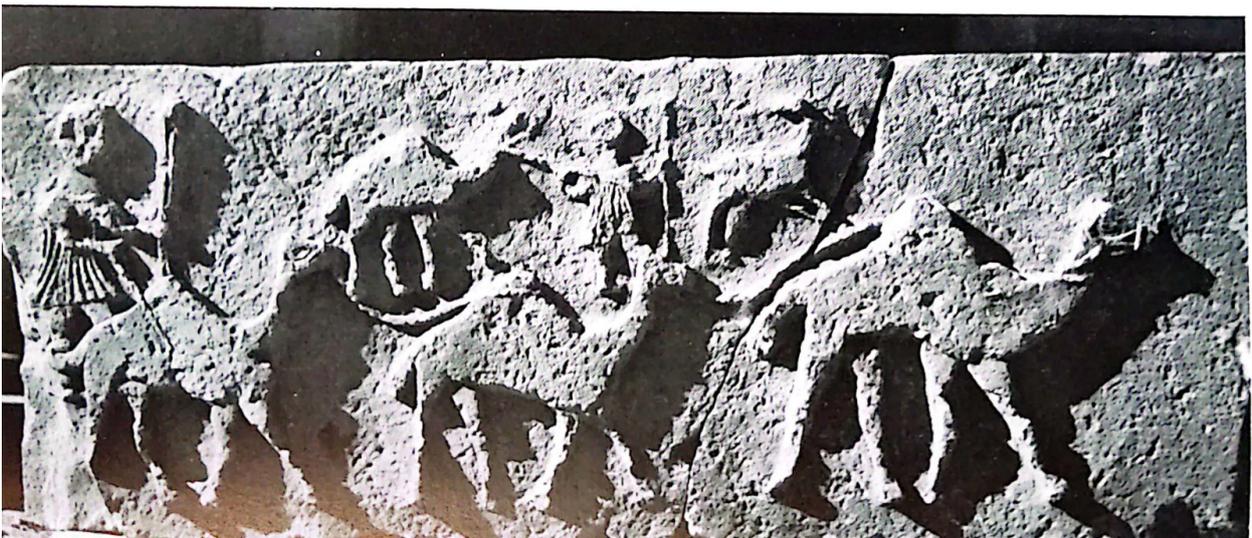
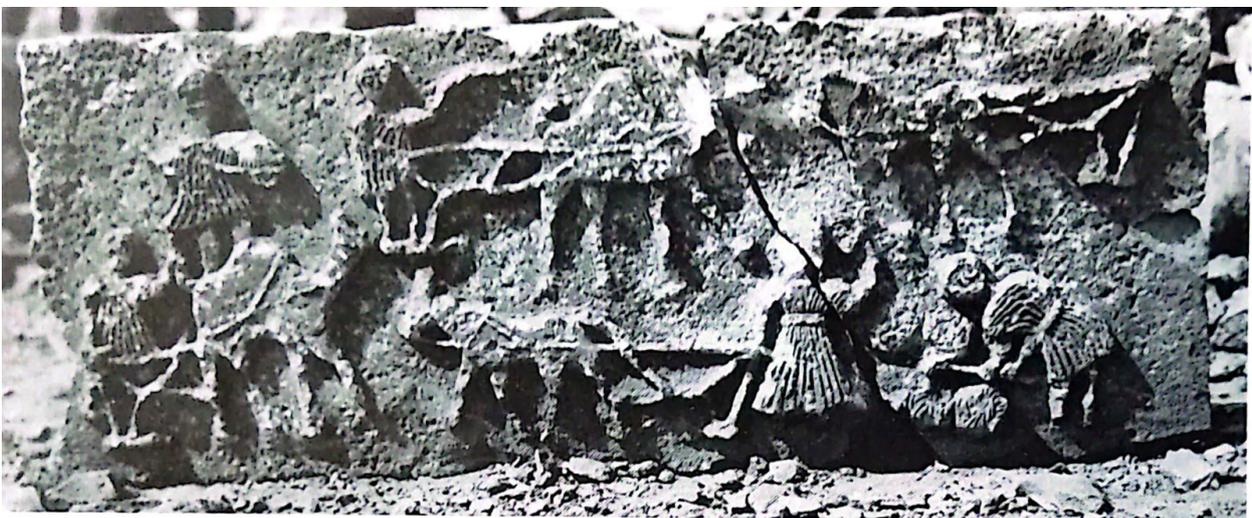
Fonte: Brogan e Smith (1984, plates 68a, 68b, 68c).

Pode-se inferir que as cenas bélicas e de caça são imagens que reforçam o viés militar dos *principes gentium* de Ghirza. Tais representações são essenciais para o próprio reforço de sua posição política regional, uma vez que eles eram os responsáveis diretos, em nome do Império Romano, pelo policiamento e controle do *limes Tripolitanus* (Mattingly, 1996, p. 338-341). Ademais, se pensarmos nas turbulências vividas pela província da Tripolitânia a partir das últimas décadas do século IV, com o sistemático conflito com as tribos dos *Austuriani* e *Laguatan*, percebe-se a importância fulcral que chefias tribais, tais como as de Ghirza, desempenhavam localmente, tornando-se verdadeiros potentados militares com acordos diplomáticos com Roma. Não à toa, as virtudes bélicas e viris dos chefes locais necessitavam ser explicitadas nas imagens esculpidas nos frisos, arcadas e câmaras mortuárias de seus monumentos funerários, transmitindo a memória de sua força e autoridade político-militar.

Outras imagens que se destacam nos mausoléus em Ghirza são aquelas relacionadas à riqueza agrícola do assentamento. Inúmeras são as cenas representando a abundância de frutas (tâmaras, uvas, olivas) e a prática do plantio, da sementeira

e da colheita de gêneros alimentícios, que são, em várias oportunidades, associados a caravanas de camelos abarrotadas de víveres, denotando uma prática agrícola intimamente relacionada à comercialização de excedentes (Brogan; Smith, 1984, plates 64, 65, 66, 67a, 77a, 79c, 80a, 82c, 110a, 110b). Corroborando tal perspectiva, pode-se citar, por exemplo, a imagem evidenciada no friso esculpido no mausoléu SC, que nos apresenta uma representação conjunta do trabalho de aragem do solo com auxílio de camelos e cavalos, puxando uma espécie de charrua, e, subsequentemente, uma cena retratando o abastecimento de camelos como animais de carga e de transporte de mercadorias (Figura 9).

Figura 9 – Mausoléu SC – cena de aragem e de caravana de camelos



Fonte: Brogan e Smith (1984, plates 110a, 110b).

Os intercâmbios comerciais eram, com grande probabilidade, a principal fonte de riqueza das chefias tribais em Ghirza, uma vez que as conectava com a economia monetária romana. *Marchius Metusan*, *Marchius Nimmere* e *Maccurasan*, patrocinadores, respectivamente, da construção dos mausoléus NB e NC, nos oferecem evidência disso em inscrições epigráficas localizadas na entrada do cômodo (*cellae*) que se sobrepõe à câmara mortuária subterrânea de seus pais, afirmando terem arcado com o pagamento de salários equivalentes a 45.600 *follis*, além de custearem a alimentação dos trabalhadores empregados na obra (I.R.T., 898, 900). Os gêneros alimentícios produzidos nas terras pertencentes às lideranças locais serviam, ao que tudo indica, para o abastecimento dos mercados consumidores das diversas cidades da costa mediterrânea, assim como forneciam víveres suficientes para alimentar os soldados romanos estacionados nos fortes de *Bu Njem* e de *Gheriat el-Garbia*. Vê-se, por conseguinte, que as relações de Roma com os *principes gentium* de Ghirza não se limitavam aos acordos diplomáticos de auxílio militar, perpassando também interesses econômicos, haja vista a importância do assentamento para a manutenção dos destacamentos imperiais no *limes Tripolitanus*, fato que é evidenciado em algumas ostracas (76-79) descobertas em *Bu Njem*, que indicam que caravanas de camelos chefiadas por autóctones eram fulcrais para a própria existência do forte fronteiriço (Marichal, 1979, p. 436-452).

Concomitantemente à riqueza econômica, força militar e autoridade política, não se pode perder de vista que a legitimidade da chefia tribal em Ghirza estava intimamente relacionada à sua posição como oficiante do culto ao deus líbio Gurzil, progênie com cabeça de touro de Amon, divindade ctônica responsável por oráculos e originária do Oásis de Siwa, no Egito, cujo culto difundiu-se para o Ocidente através do Deserto Líbico (Mattingly, 2005, p. 60). No mausoléu NA, observa-se, inclusive, a cena de sacrifício de um touro, provavelmente simulando a celebração de um ritual em honra a Gurzil executado pelo chefe inumado, *Marchius Nasif* (Figura 10). Em outras cenas, reproduzidas nos mausoléus SC e SD, veem-se dois leões prendendo com as patas a cabeça de um touro (Figura 11), assim como uma pessoa carregando um touro entre os bustos de um homem e de uma mulher (Brogan; Smith, 1984, plates 52c, 108b, 111a, 111b). Podemos ainda citar uma inscrição epigráfica latina, descoberta nas proximidades do mausoléu NA, que, ao recordar a comemoração de uma festa denominada *parentalia*, menciona a realização do sacrifício de 51 touros e de 38 cabras (I.R.T., 994; Brogan; Smith, 1984, p. 182; 262). Ao que parece, os sacrifícios em honra de Gurzil eram celebrados num templo especialmente consagrado à divindade. O Edifício 32 do sítio arqueológico foi caracterizado por Brogan e Smith (1984, p. 80-92) como um santuário dedicado a Gurzil devido à sua arquitetura única no assentamento, compreendendo a existência de três pequenas capelas situadas

de frente para um conjunto de 20 altares de sacrifício, decorados com nichos, estátuas e epígrafes escritas em alfabeto líbio. Reforçando a identificação dos chefes tribais de Ghirza como sacerdotes de Gurzil, pode-se também notar que o templo consagrado à divindade se localizava entre dois grandes *Gsur* (Edifícios 31 e 34), ou seja, nas imediações dos prédios destinados à habitação da elite dirigente da aldeia.

Figura 10 – Mausoléu NA – cena de sacrifício



Fonte: Brogan e Smith (1984, plate 52c).

Figura 11 – Mausoléu SC – cabeça de touro segura por leões

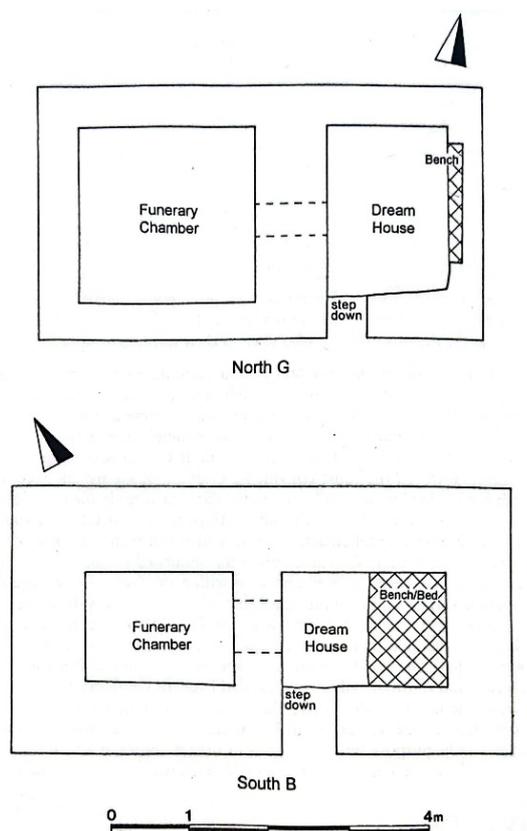


Fonte: Brogan e Smith (1984, plate 108b).

Para além de serem sacerdotes do deus Gurzil, os *principes gentium* de Ghirza também recebiam, eles próprios, libações e ritos fúnebres de seus descendentes. As inscrições epigráficas que decoravam a entrada das câmaras mortuárias dos entes inumados

nos mausoléus evidenciam a necessidade do culto aos antepassados: “*Marchius Chullam e Varnychsin*, pai e mãe de *Marchius Nimmira e Maccurasan*, que construíram este memorial para eles. [...] Que seus filhos e netos o visitem alegremente” (I.R.T., 898). Tal prática religiosa é confirmada, de forma incontestável, por inúmeros dutos de libação que conectavam as tumbas dos mortos ao exterior dos monumentos funerários, assim como pelos próprios mausoléus NG e SB, localizados estrategicamente no centro de seus respectivos cemitérios e construídos com antecâmaras subterrâneas destinadas a um rito onírico no qual os parentes do defunto faziam uso de uma espécie de leito para pernoitar (conforme pode ser esquematicamente observado na figura 12). Pode-se, finalmente, vislumbrar a realização desse ritual mediante descrições oferecidas por autores greco-latinos, como Heródoto (*Historiae*, 4, 172) e Pompônio Mela (*Corographia*, 1, 8, 45),¹³ que reconhecem a prática estabelecida pelas tribos líbias norte-africanas de perscrutar, em sonhos, os oráculos dos espíritos de seus ancestrais, utilizando, para tanto, o próprio túmulo dos mortos.

Figura 12 – Câmaras mortuárias dos Mausoléus NG e SB



Fonte: Mattingly (2011, p. 264).

¹³ Pompônio Mela (*Corographia*, 1, 8, 45) oferece-nos o seguinte testemunho: “Os *Augilae* consideram os espíritos de seus ancestrais como deuses, [...] e os consultam como oráculos, [...] tratando os sonhos daqueles que dormem em seus túmulos como respostas [aos pedidos solicitados]”.

Considerações finais

As influências da expansão romana no interior do norte da África são diversas e multifacetadas. Dentre as várias respostas dos grupos autóctones frente ao imperialismo romano, pode-se citar, afora as revoltas e conflitos militares, sendo a mais conhecida a que foi liderada por Tacfarinas (14-27),¹⁴ o próprio reforço do poder político das chefias tribais, que monopolizaram terras – antes, com grande probabilidade, comunais – sob sua ingerência e autoridade, fenômeno especialmente visível nas zonas semiárida e desértica da Tripolitânia, como demonstra o exemplo dos *principes gentium* de Ghirza entre os séculos III e V. Não é surpreendente, por conseguinte, observar que foi exatamente nesta região, próxima ao *limes Tripolitanus*, que foram descobertos o maior número de mausoléus (um total de 70) com traços arquitetônicos de um inegável caráter mediterrânico, replicando, em suas colunas, arcos e capitéis, os padrões clássicos greco-romanos. Tais monumentos funerários, na perspectiva de Nicolaus (2016, p. 205-212), para além de qualquer processo de aculturação, caracterizavam-se como importantes marcadores de propriedade e de *status*, exaltando, por intermédio das imagens esculpidas em seus frisos, arcadas e câmaras mortuárias, o poder e a dignidade dos membros das mais distintas famílias locais.

Em Ghirza, o maior e mais destacado assentamento líbio no interior da Tripolitânia, fica patente a função primordial dos mausoléus, isto é, a de exaltar uma representação excelsa das personagens inumadas. A despeito de retratar as relações diplomáticas dos chefes tribais com uma poderosa potência estrangeira – o Império Romano –, os mausoléus eram notáveis veículos de projeção de uma liderança local que explicitava sua autoridade política por intermédio da apresentação de suas prerrogativas de cobrança de tributos e de ingerência sobre os produtos da terra, além de ser protegida por uma poderosa *entourage* militar sob o seu comando. A estes chefes tribais não se furtava, ademais, uma forte legitimidade religiosa como sacerdotes principais do deus Gurzil, sendo também alvo de veneração no *post-mortem*, em rituais oníricos tradicionais. Pode-se, inclusive, conjecturar se a função original de tais chefes tribais não era a de serem intermediários privilegiados no tocante aos ancestrais e à divindade padroeira do assentamento, sendo eles quiçá responsáveis, como paredros de entidades divinas, pela própria fertilidade e prosperidade da aldeia (Mattingly, 2011, p. 265-267).

¹⁴ Um dos mais conhecidos episódios de contestação à ordem romana no norte da África foi a revolta liderada por Tacfarinas entre os anos de 14 e 27. No início do século II, Tácito, em seus *Anais* (II, 52; III, 74; IV, 23-26), descreve o conflito numa perspectiva que reforçava a alteridade da coalizão de povos líbios sob a liderança de Tacfarinas – musulânios, mauros, cinéticos e garamantes. Os rebelados são representados como “vagabundos”, “salteadores”, “ladrões”, “bárbaros”, “gente pobre e de maus costumes”, “sem costume de viver em cidades” e que espalhavam o “terror com assaltos e incêndios” (Tácito, *Annales*, II, 52; III, 74; IV, 23; IV, 25; Bustamante, 2011, p. 16).

Não parece ser fortuito, portanto, que as elites dirigentes de Ghirza tenham escolhido exatamente seus monumentos funerários como lugar de celebração de seu poder. Por meio dos mausoléus, espaços de sua veneração, tais indivíduos exaltavam sua força política, seus feitos militares, sua riqueza e sua posição religiosa como oficiantes do culto prestado a Gurzil. Em termos gerais, o que se observa, nas imagens esculpidas nos inúmeros mausoléus do assentamento, é a própria emergência de um poder político local, autônomo e autossuficiente, demonstrando assim a agência histórica dos grupos tribais líbios frente às interferências da expansão romana no interior da Tripolitânia. Por fim, há, sem dúvida, que se ressaltar que as cenas retratadas nos mausoléus de Ghirza são fontes primordiais para as pesquisas que postulam um processo de renovação historiográfica em relação à África romana, jogando luz sobre a atuação de grupos vistos antes como marginais, sublinhando, em alguma medida, a importância das investigações que levem em consideração as regiões tidas tradicionalmente como periféricas pela História Antiga.

Referências

Documentação textual

- AMMIANUS MARCELLINUS. *The Later Roman Empire*. Translated by Walter Hamilton. London: Penguin Classics, 2004.
- CORIPPE. *La Johannide*. Traduit par Jean-Christophe Didierren. Paris: Errance, 2007.
- HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 2001.
- POMPONIUS MELA. *Description of the world*. Translated by E. F. Romer. Michigan: The University of Michigan Press, 2001.
- PROCOPIUS. *De bello vandalico*. Translated by H. B. Dewing. London: Harvard University Press, 2006.
- SINESIO DE CIRENE. *Cartas*. Traducción de Francisco Antonio García Romero. Madrid: Gredos, 1995.
- TÁCITO. *Anales: libros I-VI*. Traducción de José L. Moralejo. Madrid: Gredos, 2015.

Documentação arqueológica

- BARKER, G. *Farming the desert*. Tripoli: Unesco, 1996.
- BROGAN, O.; SMITH, D. J. *Ghirza: a Libyan settlement in the Roman period*. London: Libyan Antiquities, 1984.

- INSCRIPTIONS OF ROMAN TRIPOLITANIA. Rome: British School at Rome, 1952.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2003.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2007.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2010.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan*. London: Society for Libyan Studies, 2013.

Obras de apoio

- AUDLEY-MILLER, L. Dress to impress: the tomb sculpture of Ghirza in Tripolitania. In: CAROLL, M.; WILD, J. P. (ed.). *Dressing the dead in Classical Antiquity*. Stroud: Amberley Publishing, 2012, p. 99-114.
- BARTH, H. *Travels and discoveries in North and Central Africa*. London: Ward, 1857.
- BENABOU, M. *La résistance africaine à la romanisation*. Paris: Maspero, 1976.
- BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BURKE, P. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Unesp, 2017.
- BUSTAMANTE, R. M. C. *Bellum iustum em diferentes perspectivas*. In: PEDROSA, F. V. G.; SILVA, M. F. A.; CODEÇO, V. F. de S. *Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval*. Rio de Janeiro: CEPHIMEX, 2011, p. 11-29.
- CAMPS, G. Gurzil. *Encyclopédie berbère*, n. 21, 1999. Disponível em: <http://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/1824>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- CHERRY, D. *Frontier and society in Roman North Africa*. New York: Oxford University Press, 2005.
- CLERMONT-GANNEAU, C. Lepcis et Leptis Magna. *Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, n. 47, p. 333, 1903.
- CORO, F. *Vestigia di colonie agricole romane, Gebel, Nefusa*. Rome: Sindacato Italiano Arti Grafiche, 1928.
- FENTRESS, E. Tribe and faction: the case of the Gaetuli. *Mélanges de l'École Française de Rome*, n. 94, p. 325-334, 1982.
- FONTANA, S. Il predeserto tripolitano: mausolei e rappresentazione del potere. *Libya Antiqua*, n. 3, p. 149-163, 1997.
- GOODCHILD, R. G.; WARD-PERKINS, J. B. The limes Tripolitanus in the light of recent discoveries. *The Journal of Roman Studies*, n. 39, p. 81-95, 1949.
- HINGLEY, R. *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010.

- HUSKINSON, J. *Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire*. New York: Routledge, 2000.
- KORMIKIARI, M. C. N. O conceito de "cidade" no mundo antigo e seu significado para o Norte da África berbere. In: FLORENZANO, M. B.; HIRATA, E. F. V. (org.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 137-172
- LE GOFF, J. *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
- LIMA NETO, B. M. *Entre a filosofia e a magia: o caso da estigmatização de Apuleio na África romana (sec. II d.C.)*. Curitiba: Prisma, 2016.
- LIVERANI, M. *Aghram Nadarif: a Garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft*. Florence: Society for Libyan Studies, 2006.
- LIVERANI, M. Aghram Nadharif and the southern border of the Garamantian kingdom. In: _____. *Arid lands in Roman times*. Firenze: Edizioni All'insegna del Giglio, 2003, p. 23-36.
- MARICHAL, R. Les ostraca de Bu Njem. *Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, n. 123-3, p. 436-452, 1979.
- MATTINGLY, D. J. *Between Sahara and sea: Africa in the Roman Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2023.
- MATTINGLY, D. J. *et al. Frontiers of the Roman Empire: the African frontiers*. Edinburgh: Hussar Books, 2013.
- MATTINGLY, D. J. Explanations: people as agency. In: BARKER, G. (ed.). *Farming the desert*. Tripoli: Unesco, 1996, p. 319-342.
- MATTINGLY, D. J. *Imperialism, power and identity*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- MATTINGLY, D. J. The Laguatan: a Libyan tribal confederation in the Late Roman Empire. *Libyan studies*, n. 14, p. 96-108, 1983.
- MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*. London: Taylor & Francis, 2005.
- MATTINGLY, D.; DORE, J. Romano-Libyan settlement: typology and chronology. In: BARKER, G. (ed.). *Farming the desert*. Tripoli: Unesco, 1996, p. 111-158.
- MENDES, N. M. O espaço urbano da cidade de Balsa: uma reflexão sobre o conceito de romanização. *Fênix*, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2007.
- MENESES, U. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, p. 103-117, 1983.
- MENESES, U. B. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012, p. 243-262.

- MORI, L. Between the Saara and the Mediterranean coast: the archaeological research in oasis of Fewet and the rediscovery of the Garamantes. *Bolletino di Archeologia on line*, n. 330, p. 17-30, 2010.
- MORI, L. Fortified citadels and castels in Garamantian times. In: FRIEDERIKE, J.; VOGEL, C. (ed.). *The power of the walls: fortifications in Ancient Northeastern Africa*. Cologne: University of Cologne, 2013, p. 195-216.
- NIKOLAUS, J. Beyond Ghirza: Roman-period mausolea in Tripolitania. In: MUGNAI, N.; NILOLAUS, J.; RAY, N. (ed.). *De Africa Romaque: merging cultures across north Africa*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 199-214.
- REDE, M. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012, p. 133-150.
- REVELL, L. *Roman imperialism and local identities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- WOOLF, G. *Becoming roman*. New York: Cambridge University Press, 1998.